

Larissa Alves de Lira

Pierre Monbeig
e a Formação da Geografia no Brasil
(1925-1956)

Uma geo-história dos saberes



Sumário

Listas	11
Prefácio	13
Introdução	19
Agradecimentos	49
Capítulo 1	51
<i>As seduções de uma jovem ciência (1925-1929)</i>	
Capítulo 2	99
<i>Um geógrafo face à mundialização (1930-1935)</i>	
Capítulo 3	143
<i>Organizar a geografia no Brasil (1935-1940)</i>	
Capítulo 4	195
<i>Como um jovem professor francês adquire autoridade no Brasil? (1937-1946)</i>	
Capítulo 5	255
<i>Uma geo-história da expansão do capitalismo (1940-1956)</i>	
Capítulo 6	293
<i>A resistência dos valores literários (1938-1953)</i>	
Considerações finais	335
Fontes	345
Anexos	369

Prefácio

Marie-Vic Ozouf-Marignier,¹ Marie-Claire Robic²

Pierre Monbeig deixou uma lembrança viva em seus contemporâneos, amigos franceses e brasileiros que apreciaram as proposições inovadoras de sua obra, seu talento para a organização da pesquisa e do ensino, assim como sua capacidade de estabelecer trocas intelectuais. Trabalhos anteriores sobre Pierre Monbeig renderam-lhe homenagens logo após sua morte. Mais tarde, passados anos, um maior recuo temporal permitiu colocar em nova perspectiva seu pensamento na história da geografia, seus estudos sobre o Brasil e sobre a cidade. Todavia, nenhuma pesquisa científica com amplitude tinha ainda se debruçado na reconstituição de seu percurso, desde sua formação até a longa etapa de sua carreira vivida no Brasil. A gênese de sua obra, inspirada nos trabalhos de seus mestres, ou a partir de suas pesquisas levadas a cabo na franja pioneira paulista, não tinha sido ainda examinada com profundidade.

-
- 1 Marie-Vic Ozouf-Marignier é diretora de estudos da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais (EHESS, Paris), diretora do Grupo de geografia e história dos territórios, do meio-ambiente, dos recursos e das sociedades (GGH-Terres), vice-presidente da Comissão de História da Geografia da União Geográfica Internacional (UGI).
 - 2 Marie Claire Robic é diretora emérita de Pesquisa da Universidade de Paris 1, Panthéon-Sorbonne, diretora de pesquisas do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS), diretora na equipe Epistemologia e História da Geografia (EHGO) entre 1991 e 2006 da Universidade de Paris 1.

Larissa Alves de Lira deu nova atenção a esse personagem que marcou as instituições geográficas brasileiras ao ponto de ter sido honrado com a criação de uma “cátedra” em sua homenagem e de ter deixado traços na memória de muitos estudantes. Neste livro consagrado a *Pierre Monbeig e a Formação da Geografia no Brasil* ela se lança a uma pesquisa apaixonada, propondo-se a analisar, através de um itinerário intelectual pessoal, a articulação entre um pensamento singular e os desafios de toda uma disciplina. Ela levanta questões clássicas sobre a inter-relação entre as comunidades científicas, que ela esclarece de maneira precisa e útil: como a geografia francesa contribuiu para relançar as bases científicas e pedagógicas da geografia brasileira? Como a própria confrontação com a realidade brasileira conduziu a transformações epistemológicas e metodológicas na própria geografia francesa? Como esta geografia pôde abordar, no quadro particular do território brasileiro, a questão da colonização e do desenvolvimento? Por sua cultura, por seu rigor, por sua criatividade, esta biografia intelectual é uma pesquisa que faz história.

O sucesso deste trabalho, deve-se, em primeiro lugar, à manifestação da aquisição de dois conjuntos historiográficos muito ricos, de uma parte a outra do Atlântico, compreendidos seus desenvolvimentos mais atuais. Além disso, as fontes e os arquivos reunidos por Larissa constituem um conjunto muito documentado que acrescentam um aporte substancial ao que já fora reunido pelos trabalhos precedentes. A autora manifestou uma grande perspicácia em matéria de arquivos. Enfim, a força de sua inovação repousa sobre sua inventividade teórica e metodológica.

Com efeito, Larissa Alves de Lira teve a preocupação de se dotar de um conjunto rigoroso de ferramentas teóricas e metodológicas, para tratar o que ela nomeia em seu subtítulo de *uma geo-história dos saberes*. Sublinhemos de início a pertinência dessa abordagem que consiste em praticar uma história da geografia “situada”, como os trabalhos recentes o fazem sob o nome de uma tendência conhecida como *spatial turn* em história das ciências e ela nos convida a acrescentar a perspectiva temporal plural inspirada em Fernand Braudel. A autora se inspira de fato nos tempos da geo-história braudeliana e sobre a distinção de “três culturas” feita por Wolf Lepenies. É particularmente interessante de observar, sob sua pluma, esta articulação de temporalidades diferentes (incluindo o tempo longo, o que é muito pouco frequente em história intelectual) no

desenvolvimento da geografia enquanto ciência. Ela nos descreve a conjuntura dos anos de 1930, particularmente do ponto de vista do Brasil, de suas relações diplomáticas e dos esforços de um Estado em vias de se construir. Este é o momento também da gestão da herança de Vidal de la Blache e do aparecimento de novas direções seguidas pela geografia na França. Segundo Larissa Alves de Lira, esta geografia está no seio de uma tensão entre três tendências principais: a manutenção ou a erosão dos valores literários que ela carrega até então consigo, a tentação a uma ação e a um engajamento crescente em questões práticas, e, enfim, a preocupação de sistematização metodológica. O evento reside na chegada de jovens professores da missão francesa em São Paulo, no momento da criação da Universidade de São Paulo, da Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Departamento de Geografia. É na confluência desses três tempos que se situa ainda o desenvolvimento da geografia brasileira e da obra de Pierre Monbeig. De maneira que Larissa Alves de Lira revisita a geo-história, dando-lhe um *status* de método à história da ciência, o que não é sua vocação inicial, mas que ela pôde utilizar de maneira inteligente.

Dessa maneira, a autora enquadra de maneira sólida seu tema na problemática da circulação internacional dos saberes, e ela visa a esclarecer relações no seu duplo sentido, afetando tanto um representante de uma “escola francesa de geografia”, estabelecida na comunidade internacional, quanto uma nova “escola” que ele contribui a fundar. Em linha com os desenvolvimentos de uma abordagem espacial da ciência, ela acrescenta ao seu estudo o encontro de tradições culturais, de interesses políticos e culturais diferentes, a análise da dimensão geográfica de uma experiência de vida, do trabalho e de carreira no Brasil e, mais precisamente em São Paulo – que é, para o recém chegado um grande espaço concebido na Europa como um “país novo”, relativamente vazio, aberto, “sobre os trópicos” e, o que é novo e sem dúvida perturbador para um jovem francês, um território político em curso de apropriação e de construção de um Estado intervencionista.

Assim o fazendo, a autora aborda as intrincadas relações entre a diplomacia cultural e a internacionalização da geografia francesa no intervalo das duas guerras. Ela lembra de maneira justa a sensibilidade precoce dos geógrafos franceses para o tema da mundialização e das crises da economia internacional. Na escala da obra de Monbeig, ela estuda de maneira fina as empresas por ele conduzidas

em vista de uma organização institucional da geografia brasileira desde um polo “nacional” paulista e ela analisa suas tentativas de desenvolver uma metodologia adaptada ao espaço brasileiro, que se apresenta a ele pela alteridade.

Abordando de maneira renovada uma questão tratada muitas vezes por autores franceses e brasileiros em perspectivas estritamente biográficas, essas problemáticas temporais e espaciais na produção dos saberes são articuladas em diferentes capítulos em torno da trajetória de Monbeig, desde sua formação nos anos 20 em Paris, até o seu retorno à França e a publicação dos trabalhos mais importantes que acompanharam sua tese sobre os passos pioneiros paulistas (1952).

Larissa Alves de Lira pode então sublinhar o jogo de continuidades e rupturas de Monbeig em relação à tradição científica em que se constituiu e a pertinência de suas conclusões sobre os processos econômicos que afetam um país, cujo capitalismo está em formação e desenvolvimento. Ela conduz análises textuais aprofundadas que sustentam perfeitamente seus propósitos. Suas análises sobre as causalidades sistêmicas e um tipo de escrita “cinematográfica” de Monbeig se completam com felicidade. Suas reflexões sobre o espaço-tempo do Brasil são também notáveis, com muito belas passagens sobre as franjas pioneiras a propósito dos fenômenos de antecipação e retroação, sobre os ritmos e sobre as dimensões da tomada de posse do solo, sobre os ciclos espaço-temporais da economia –, mais largamente sobre as possibilidades e os riscos que se supunham com a aparente disponibilidade de espaço no ritmo acelerado de produção territorial em curso no Brasil da metade do século XX. Os questionamentos de Monbeig retomados pela autora são ainda atuais, convergem aliás para as representações do Brasil testemunhadas tão bem pelas intuições de Paul Vidal de la Blache sobre a singularidade dos “países novos”, que ele estudava no começo do século XX, que são então partilhadas nos anos de 1930 não só por ele mas também por Stefan Zweig em seu livro, “o Brasil, terra do futuro”.

Ao longo deste trabalho tão rico, e a cem léguas de perspectivas hagiográficas, nós poderíamos, certamente, esperar ainda alguns aprofundamentos e precisões sobre alguns pontos. O primeiro, trata-se do que entendemos por “valores literários” relativamente à geografia: uma forma de escrita, uma filiação às humanidades, ou o uso da descrição? Segundo essas diferentes concepções, os desafios não são exatamente os mesmos. Um segundo aspecto toca as relações

que Monbeig manteve com a disciplina histórica: sua sensibilidade às formas do desenvolvimento do espaço brasileiro não se deve a seu contato com historiadores especialistas em história econômica, tal como Henri Hauser e Pierre Vilar – esses que, eles mesmos, inspiraram bastante a geografia do tempo deles? Ou ainda: como Monbeig conciliou sua forte implicação com o espaço paulista (em termos institucionais e científicos) com a missão de cumprir as exigências de um planejamento que se dava na escala de todo o Brasil, feito então em nível federal? Mas, mais do que retoques, o que este livro suscita é a vontade de ver em marcha uma série de trabalhos comparáveis que esclarecerão as formas e os efeitos das concorrências intelectuais, culturais e políticas entre as diversas comunidades científicas (europeias, americanas) que contribuíram e contribuem, sob uma forma encoberta de cooperação, à construção dos saberes.

Finalmente, em relação às teses que puderam relacionar o papel de Monbeig com a formação da escola brasileira de geografia, Larissa Alves de Lira desenha um balanço nuançado, sobretudo complexo, disso que segunda ela é uma inter-relação, e ela constrói uma história rica, social, intelectual, política, dessa experiência internacional. Este estudo descreve um caso exemplar de encontro científico, institucional e intelectual, com suas interações em duplo sentido, entre um geógrafo e um terreno que o confronta à alteridade. Em sintonia com os desenvolvimentos contemporâneos da história das ciências e dos saberes, a autora lança luz sobre a complexidade de um processo de trocas e de construção dos saberes.